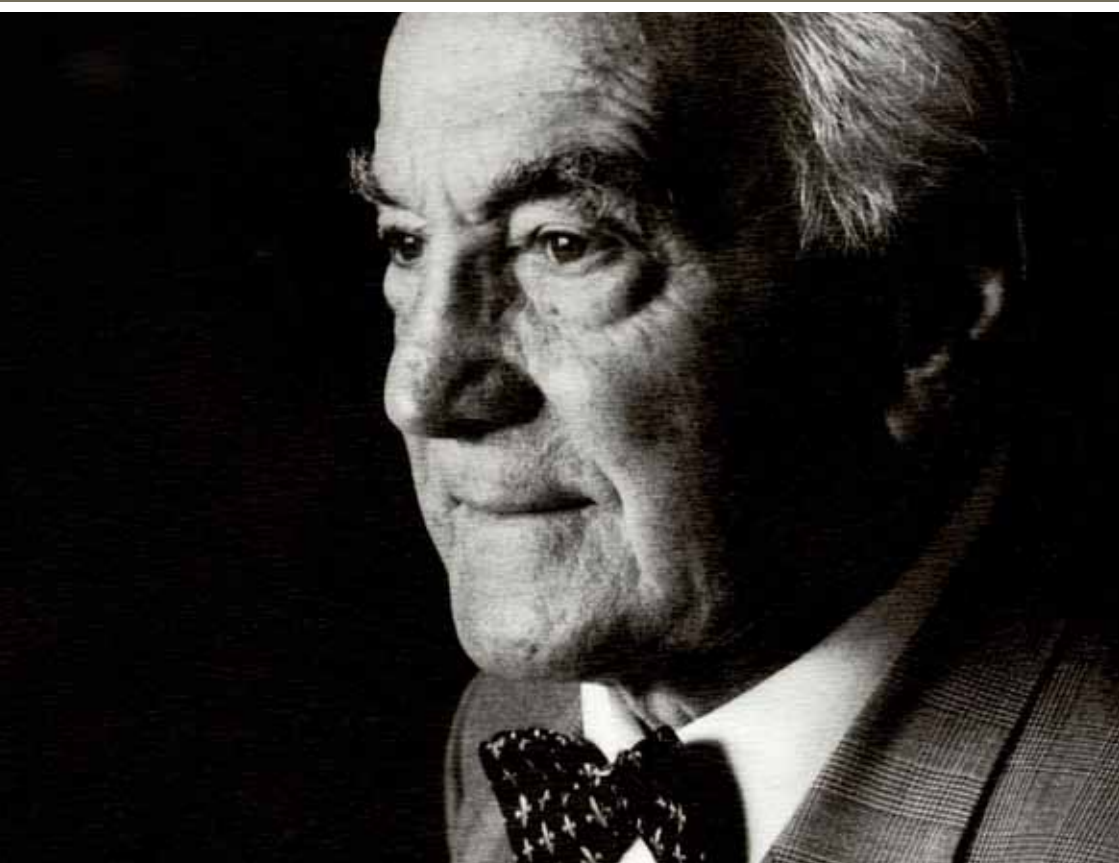


FRANCISCO LYON DE CASTRO

Editor
1914-2004



COMISSÃO MUNICIPAL DE TOPONÍMIA
Setembro 2016



Editor e fundador da editora europa-américa, democratizador do livro e da leitura com a introdução em Portugal do livro de bolso, resistente exilado em Paris e Madrid e inefável lutador dos valores da democracia, da liberdade e da cultura, é homenageado pela Câmara Municipal de Lisboa junto à Avenida das Forças Armadas, artéria de Lisboa em que ecoa a Revolução dos Cravos.

Lisboa, setembro de 2016

Catarina Vaz Pinto

Vereadora da Cultura da Câmara Municipal de Lisboa





FRANCISCO LYON DE CASTRO

Francisco Lyon de Castro distinguiu-se no campo cultural como fundador, em 1945, das *Publicações Europa-América*, ficando para a história da cultura portuguesa como o homem que democratizou o livro e a leitura, ao ter a ousadia de transformar o livro num produto barato e de consumo generalizado.

Francisco Lyon de Castro nasceu em Lisboa em 24 de outubro de 1914, o benjamim de 10 irmãos, filhos de Adelino de Castro – um comerciante e pequeno industrial de madeiras de Óbidos – e de Rosalina Lyon – cidadã de ascendência escocesa, filha de Edward Lyon que arribara a Óbidos para participar na administração da construção da linha dos Caminho-de-Ferro do Oeste.

Francisco fez os primeiros estudos na escola primária da Rua Sarai-va Carvalho e os seguintes na Escola Comercial Rodrigues Sampaio, para além de ter crescido a jogar à bola no terreiro frente ao cemitério dos Prazeres.

Aos 13 anos, fundou a Liga do Amor, uma organização de solidariedade destinada a apoiar crianças pobres e a promover ações culturais com os seus companheiros de bairro de Campo de Ourique. Organizava, por exemplo, excursões de elétrico aos Jerónimos e a Belém, conseguindo o dinheiro para os bilhetes através da venda de histórias suas manuscritas.

Em 1928, com 14 anos, ingressou na Imprensa Nacional como aprendiz de Artes Gráficas, o que o catapultou para as discussões de final de dia de trabalho no Jardim do Príncipe Real com os outros tipógrafos, os metalúrgicos do Arsenal da Marinha e os sindicalistas da CGT. Os mesmos homens que, aos fins-de-semana, acampavam na Trafaria e iam até à Cova do Vapor para cantar e conspirar.



© Augusto Brázio

Quatro anos depois, em 1932, fundou o jornal *Mocidade Livre*, vendido na rua, nos táxis e em camionetas abertas, contexto que acaba por despoletar a criação da União Cultural Mocidade Livre, uma associação destinada a promover a cultura dos jovens operários e estudantes, através de conferências e debates. O momento alto da União Cultural Mocidade Livre ocorreu em maio de 1933, quando o 1º ciclo de conferências, na Universidade Popular Portuguesa, é inaugurado por Bento de Jesus Caraça com “A Cultura Integral do Individuo - Problema Central do Nosso Tempo”, sendo que Lyon de Castro devia encerrar o evento com um “Manifesto contra a Guerra” o que não chegou a acontecer porque logo após a primeira comunicação a PVDE ¹ proibiu que o ciclo prosseguisse. Foi este o seu período de “jornalista operário”, como fez questão de sublinhar: *A instrução primária adquiri-a no Aljube e no Governo Civil e os estudos avançados fi-los em Angra do Heroísmo* ².

Em 1933 Lyon de Castro aderiu ao Partido Comunista Português, numa altura em que a ditadura militar oriunda do movimento do 28 de maio de 1926 evoluiu para o corporativismo fascista que Salazar fez plebiscitar em abril de 1933. Aí tomou contacto com militantes como Gabriel Pedro e Francisco Miguel, e em Agualva (Cacém) fundou uma célula para a qual aliciou, entre outros amigos, Júlio Fogaça, que mais tarde veio a ser membro do Comité Central do PCP. Ainda neste ano criou o Comité de Luta pela Libertação de Thaelmann, o líder comunista alemão aprisionado pelos Nazis logo após a subida de Hitler ao poder. No final de 1933 participaria ainda na preparação do movimento contra a publicação do Estatuto do Trabalho, bem como contra a extinção dos sindicatos livres e a sua substituição por sindicatos corporativos, à semelhança da *Carta del Lavvoro* do

(1) Sigla da Polícia de Vigilância e Defesa do Estado, que mais tarde se denominará PIDE e PIDE/DGS.

(2) MELO, António (2004).

fascismo italiano, e que teve o momento alto na greve em 18 de janeiro de 1934 e na insurreição da Marinha Grande. Francisco fazia parte da célula operacional que devia cortar a circulação da linha de Sintra no Cacém e, face à repressão que se seguiu, passou à clandestinidade, exilando-se em Espanha, com a ajuda de uma família republicana do Redondo que o fez atravessar o Guadiana e chegar a salvo a Badajoz, de onde apanhou o comboio para Madrid, indocumentado e com a sua boina negra.

Nesse exílio, Lyon de Castro sobrevivia com o que lhe enviavam os camaradas da Imprensa Nacional, do Socorro Vermelho e do que conseguia através da venda ambulante. Militava com os camaradas exilados no reforço do Partido Comunista Espanhol e, assim participou com a *Passionaria* ³ no socorro às levas de mineiros asturianos que chegavam a Madrid escapando às razias de Franco para passarem clandestinamente para França. Ainda em Madrid, conheceu pessoalmente Francisco Paula de Oliveira (Pavel) ⁴, um dos dirigentes das organizações comunistas portuguesas e, tomou contacto com outros opositores ao regime português, como o chamado grupo dos Budas presidido por Jaime Cortesão e, aliciou Joaquim Pires Jorge ⁵ para a célula que já havia constituído. Frequentava o famoso Ateneo de Madrid, onde assistiu a conferências e conheceu muitos intelectuais e políticos republicanos e socialistas como António Machado, Lorca, Rafael Alberti ou Manuel Azaña. Também criou um jornal copiografado intitulado *O Bolchevique*.

Em 1935, durante o Congresso da Juventude Comunista Espanhola, organizou com um grupo de refugiados políticos portugueses uma

(3) A Passionária era Isidora Dolores Ibárruri Gómez (09.12.1895 – 12.11.1989), uma líder comunista basca.

(4) Francisco Paula de Oliveira (Pavel) foi Secretário-Geral do PCP após a deportação de Bento Gonçalves para o Tarrafal e o seu pseudónimo advém de um personagem de *A Mãe*, de Máximo Gorki.

(5) Tanto Jaime Cortesão como Pires Jorge dão o seu nome as ruas de Lisboa, estando o primeiro em Marvila desde 14/07/1993 e, o segundo, em Carnide, desde 24/09/1996.



Obra artística de Smile. Foto: DMC/DPC/José Vicente, 2016

exposição com material de propaganda das organizações comunistas portuguesas, do Socorro Vermelho Internacional e de jornais de prisão que, mais tarde em Paris, cedeu ao jornal *Monde*, dirigido por Henri Barbusse, a quem fez a entrega pessoal para se divulgar a luta em Portugal contra o regime de Salazar. Atravessou clandestinamente os Pirenéus, em pleno Inverno, percorrendo 80 quilómetros de automóvel e a pé, proporcionando episódios na vida de Francisco Lyon de Castro que vieram a ser romanceados por Fernando Namora em *Os Clandestinos*⁶. Chegado a Paris, empenhou-se em organismos democráticos e de solidariedade, particularmente entre operários portugueses residentes nos arredores de Paris, organizando sessões de esclarecimento para melhorar a sua preparação política e sindical.

(6) Publicado em 1972. Fernando Namora tem rua no Lumiar e Carnide, desde a publicação do Edital de 17/07/1990.

Francisco Paula de Oliveira, então em Moscovo, enviou-lhe uma carta a dissuadi-lo da sua vontade de permanecer em Paris, incentivando-o a voltar a Portugal e a prosseguir a luta política na clandestinidade. Lyon de Castro regressou ao nosso país ainda em 1935 e foi preso no mês de novembro, permanecendo incomunicável em várias esquadras da PSP, no Aljube, em Caxias e em Peniche. Foi condenado pelo Tribunal Militar Especial a quatro anos de cadeia e desterro, oito mil escudos de multa e dez anos de suspensão de direitos políticos e, terminou deportado para a Fortaleza de São João Baptista ⁷, local conhecido por ter condições semelhantes ao Tarrafal, tendo estado um ano encerrado na poterna e, desta prisão só saiu em 1940, nunca totalmente recuperado de uma doença renal que lá contraiu. Na prisão ensinava outros presos a ler e a escrever em português e francês, escrevia em pedaços de papel higiénico e organizava representações teatrais. Segundo António Melo, *Os carcereiros troçavam da sua esperança e abriam-lhe o 'judas' da cela para lhe mostrarem a manchete dos jornais, que nesse início do ano de 1939 titulavam 'Franco triunfa em toda a Espanha'. Chalaceavam: 'Ainda sabes ler? Que esperança tens agora?'* ⁸

No ano de 1939, ainda preso, casou por procuração com a namorada, Eunice Gomes da Silva ⁹, filha de um pastor protestante e maçom. Conhecera-a anos antes nas suas idas à Igreja de Jesus, em Campo de Ourique, uma Igreja Protestante então existente na Rua Quatro de Infantaria ¹⁰ onde ele e outros jovens amigos e conhecidos iam porque o Pastor apoiava iniciativas culturais e sociais junto de crianças e jovens mais desfavorecidos. Este ano de 1939 é também o da celebração em agosto do pacto germano-soviético entre Hitler e Estaline, o que

(7) Em Angra do Heroísmo, nos Açores.

(8) MELO, António (2004), «A "Mocidade Livre" – cadernos de cultura vanguardista».

(9) Falecida em 1989.

(10) Nascida em Campo de Ourique através da publicação do Edital municipal de 30/08/1880.



Obra artística de Miguel Brum. Foto: DMC/DPC/José Vicente, 2016

levou Lyon de Castro a desvincular-se do PCP, numa discussão seca com os camaradas da prisão, para *A partir daí ocupei-me em perceber as razões internas que levaram àquela aliança contranatura e não tive mais recaídas. Fiquei vacinado em relação a estruturas partidárias*¹¹. Após a prisão vê recusada a sua readmissão na Imprensa Nacional e durante 5 anos trabalhou na pequena empresa familiar de negócios de madeiras, para além de se dedicar a mais áreas como aprendiz de alfaiate¹², organizador de passagens de modelos e colaborador de jornais. Nunca se esqueceu do apoio que então lhe deu um Administrador dos Caminhos-de-Ferro, um tal Leite Pinto¹³ que, embora sabendo do seu percurso político, acreditou mais na sua capacidade de trabalho, de organização e na promessa de cumprimento de prazos. A Europa estava em guerra e Portugal para ter os comboios a circular

(11) MELO, António (2004), «A morte do velho leão».

(12) E assim organizou o 1º Congresso dos Alfaiates, em 1942.

(13) Era Francisco Leite Pinto que viria mais tarde, nos anos 50 do séc. XX, a ser Ministro da Educação.

dependia dramaticamente da lenha que fosse possível arranjar. Lyon de Castro percorreu todo o país, organizou equipas de madeireiros, inventou transportes, improvisou pontes e caminhos e como ele costumava dizer, entregou a carta a Garcia.

No ano final da II Guerra Mundial, contava Lyon de Castro 31 anos, juntou-se ao seu irmão Adelino para fundarem a editora Publicações Europa-América ¹⁴, em cujo nome justamente se traduzia a aliança gerada pela guerra e pela esperança de um novo mundo. Pretendiam primeiro realizar a importação de livros e publicações periódicas estrangeiras. Faziam importações sobretudo de França, mas muitas delas eram apreendidas nos serviços dos Correios, que colaboravam com a PVDE ¹⁵ e com os Serviços da Censura, o que ameaçava levá-los à ruína e resolveram então começar a editar. O primeiro livro a sair do prelo foi *Centelha de Vida* de Erich Maria Remarque, que tinha por tema a vida clandestina ¹⁶. O segundo foi *A Oeste Nada de Novo*, do mesmo autor, que se tornou mesmo um dos primeiros êxitos editoriais da empresa.

Enquanto editor, Lyon de Castro criou no início da década seguinte a coleção de bolso ¹⁷ que abriu com *Os Esteiros* de Soeiro Pereira Gomes e, cujo baixo preço deu um contributo inestimável para a promoção e a divulgação da leitura em Portugal. Ao ousar diminuir formatos e ao encaderná-los com capas maleáveis e mais acessíveis, Lyon de Castro transformou o livro num produto de consumo generalizado. Ousou também, ainda antes do 25 de Abril de 1974, publicar *autores proibidos* como Alves Redol, Gabriel Garcia Marquez, Jorge Amado e Soeiro Pereira Gomes. Em 1965 firmou com Alves Redol e com Fernando Namora um contrato para publicação em exclusivo das suas obras.

(14) Com sede na Rua das Flores – a mesma usada por Eça num romance –, na Freguesia da Misericórdia.

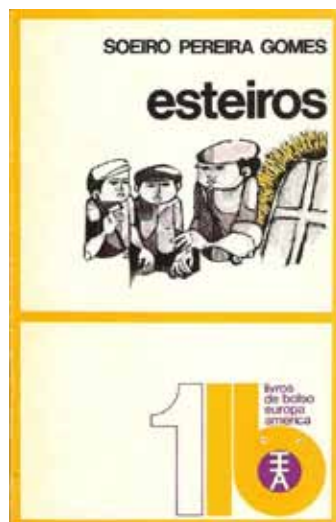
(15) Polícia de Vigilância e Defesa do Estado, mais tarde denominada PIDE/DGS.

(16) O tradutor da obra foi José Saramago, então um jovem.

(17) Era a Coleção das 3 Abelhas.

Outro enlevo de Lyon de Castro foi o jornal *Ler - Jornal de Letras, Artes e Ciências* que lançou em abril de 1952, tendo como modelo o suplemento literário do *Times*. Era um jornal literário e de ideias para o qual usou o artifício que permitia que os boletins bibliográficos não fossem à censura; o sucesso foi tal os dez mil exemplares do 1º número esgotaram tão rapidamente que foi feita uma nova edição de mais cinco mil. A publicação acabou por ser suspensa pela censura em outubro do ano seguinte, sob o pretexto do seu editor, Adelino Lyon de Castro, ter falecido. Os colaboradores desta publicação eram

em primeiro lugar Fernando Piteira Santos e um conjunto de figuras de diversas tendências como António Quadros, Delfim Santos, Fernando Lopes Graça, João José Cochofel, José Cardoso Pires, José Régio, Maria Lamas, Mário Dionísio, Mário Soares, Nuno Teotónio Pereira, Orlando Ribeiro e Tomás Ribas ¹⁸ – na mais ampla aliança possível da tradição frentista dos anos 40 do século XX, com o intuito de reforçar a oposição. Este coletivo passou a ser a referência da elite intelectual e criou em torno de si um cenáculo de permanente reflexão política. Lyon de Castro convidou igualmente Piteira Santos para dirigir a Editora Europa-América, sendo ambos, em conjunto com Mário Soares, apelidados de titistas, cognome de tal forma assumido por Francisco que veio a atribuir ao seu filho o nome de Tito ¹⁹.



O primeiro livro publicado na coleção de bolso da Europa-América (imagem cedida por Helder Magalhães)

(18) Estão presentes na toponímia de Lisboa Fernando Piteira Santos, António Quadros, Delfim Santos, Fernando Lopes Graça, João José Cochofel, José Cardoso Pires, José Régio, Maria Lamas, Mário Dionísio e Orlando Ribeiro.

(19) Nascido em Junho de 1945.



Obra artística de Miguel Brum. Foto: DMC/DPC/José Vicente, 2016

Pouco depois do falecimento do seu irmão Adelino voltou a ser preso, tendo estado de novo no Aljube por mais duas vezes, acusado de importar publicações de natureza política subversiva e contrárias ao regime vigente.

No começo dos anos 60, Lyon de Castro tem consciência de que a Europa-América pode vir a ser um marco importante para a cultura portuguesa mas que para isso precisa de dispor dos necessários meios e assim, em 1961, decide criar uma sede nova que reúna as condições necessárias para realizar as múltiplas atividades culturais que planeia. A construção da nova sede decorreu entre 1962 e 1964, graças ao apoio do seu grande amigo Amadeu Gaudêncio, que lhe facilitou o pagamento, conseguindo o dinheiro necessário através do êxito de vendas que foi o livro de Caryl Chessman, 2455- *Cela da Morte* e ainda, por empréstimos na Banca.

Lyon de Castro foi um empresário empreendedor, exigente e atento,

demonstrando respeito e amizade pelos seus funcionários, tendo instalado na Editora uma cantina, onde tomavam diariamente refeições cerca de duzentas pessoas e disponibilizou dois autocarros para assegurar o transporte dos funcionários.

Em 1962 Francisco participou num Congresso da União Internacional de Editores, em Barcelona, no decorrer do qual discursou para condenar o regime português pela prática da censura e pela proibição de livros de diversos autores estrangeiros e de autores portugueses, alguns dos quais também perseguidos. Três anos mais tarde, no Congresso da União Internacional de Editores, em Washington, Lyon de Castro voltou a denunciar a censura em Portugal. Neste mesmo ano de 1965 foi detido pela última vez, suspeito de relacionamento com o assalto ao Quartel de Beja, tendo recusado um convite de banqueiros e políticos suíços para instalar a Europa-América naquele país e abandonar Portugal.

Em 1963, enviou o seu filho Tito Lyon de Castro para Inglaterra, para a editora do seu grande amigo escocês John McKenzie Calder, a fim de ganhar conhecimentos sobre a área editorial e livreira naquele país, sendo que Calder, um homem ligado à política e casado com a cantora de ópera Betina Ionic, levou o candidato a editor a conhecer os meios literários, artísticos e políticos britânicos.

Ainda nesta década de sessenta do século XX, Lyon de Castro adquiriu a Editorial Inquérito e estabeleceu um acordo com a organização espanhola para a fundação das Publicações Alfa, criou também a CETOP, editora especializada em ensino técnico por correspondência, apoiado por monitores, no nosso país e em todos os países onde existiam fortes núcleos de emigrantes portugueses, como a França, Alemanha, Suíça, Inglaterra, Canadá e Austrália nos cursos técnicos ministrados.

Em 1969 Lyon de Castro integrou a CEUD (Comissão Eleitoral de Unidade Democrática) do Distrito de Lisboa e no começo da década de 70, a Europa-América iniciou a construção de oficinas gráficas



próprias. Estas vieram a tornar-se uma sociedade independente: a Gráfica Europam. A criação das novas instalações provocou ações persecutórias do Governo e particularmente da PIDE. Um grupo de agentes da Direção-Geral das Atividades Económicas, de que era diretor o coronel Silva Pais, que acumulava funções com as de diretor da PIDE, levou a cabo durante uma semana inteira uma devassa da sede da empresa, verificando milhares de documentos na tentativa de encontrar o que pudesse justificar o encerramento da editora e, face à falta de resultados, cercou a sede e apreendeu dezenas de milhares de livros de toda a natureza, que até incluíram o *ABC da Culinária*, e ainda, a proibição de 23 obras recentemente publicadas. Foi neste período que também foi proibida a edição de *História*, um dos 10 volumes que compunham a enciclopédia de grande formato da editora. Estas proibições e apreensões dificultaram a venda da enciclopédia e causaram prejuízos que muito lesaram a viabilidade económica da editora.

Em 1972 o livro *Le Portugal Bâillonné (Portugal Amordaçado* ²⁰), que Mário Soares havia publicado em França na Editora Calman-Levy, estava impedido de circular em Portugal mas, Lyon de Castro como amigo de Alain Oulmant, um dos proprietários e director da Calman-Levy, conseguiu um acordo para fazer entrar em Portugal, clandestinamente, quantidades importantes daquela obra, sem que a Polícia viesse a conhecer a origem da sua presença no nosso país. Após o 25 de Abril de 1974, Francisco Lyon de Castro regressou de Paris (trazendo o seu velho amigo Adolfo Ayala ²¹) e foi o primeiro presidente eleito da Associação Portuguesa de Editores então constituída ²², cargo que exerceu durante dois mandatos (1974-1976). Foi também o primeiro presidente eleito da Associação Portuguesa das Indústrias Gráficas.

(20) Publicado em Portugal em outubro de 1974, pela Arcádia.

(21) Tem uma Praceta com o seu nome desde a publicação do Edital municipal de 16/06/1999, na Freguesia do Parque das Nações.

Nessa época, com Pedro Feist e o seu filho Tito impediu a ocupação da União dos Comerciantes de Lisboa e veio a ser dirigente eleito da mesma. Em Dezembro de 1975, foi convidado por elementos do Governo para a administração da Empresa Pública Notícias-Capital e, nomeado também para presidente da Comissão de Reestruturação da Imprensa Estatizada. Em ambos os casos, Francisco Lyon de Castro aceitou mas sob a condição de não serem remunerados.

Ainda em 1975 publicaria o livro *Sem Papas na Língua* da sua amiga Beatriz Costa, o que na época causou escândalo, assim como os seguintes livros que ela escreveu. Mais tarde também editou as obras de Gorbatchov e da dissidência de Vital Moreira e Zita Seabra, as obras de divulgação historiográfica de José Hermano Saraiva e, foi o primeiro a publicar os então jovens autores Eduardo Brum, Lídia Jorge e Rui Zink. A editora apresenta um catálogo editorial de 135 coleções com mais de 5000 títulos de 1900 autores portugueses e estrangeiros, contemporâneos e clássicos.

Ao longo da sua vida editorial Lyon de Castro tanto apostou em escritores clássicos e ilustres como Almeida Garrett, António Damásio, Bocaccio, John Steinbeck, Maquiavel, Thomas More ou Virgílio, como em «escritores malditos» nas suas épocas: Alves Redol, Gabriel García Marquez, Jorge Amado, Nabókov, Oscar Wilde ou Soeiro Pereira Gomes.

Na sequência do reatamento das relações diplomáticas com a República Popular da China, levadas a cabo pelo seu amigo Embaixador Coimbra Martins, Lyon de Castro foi o primeiro português a promover e divulgar a cultura chinesa em Portugal através da primeira exposição de livros e peças de arte daquele país em Portugal.

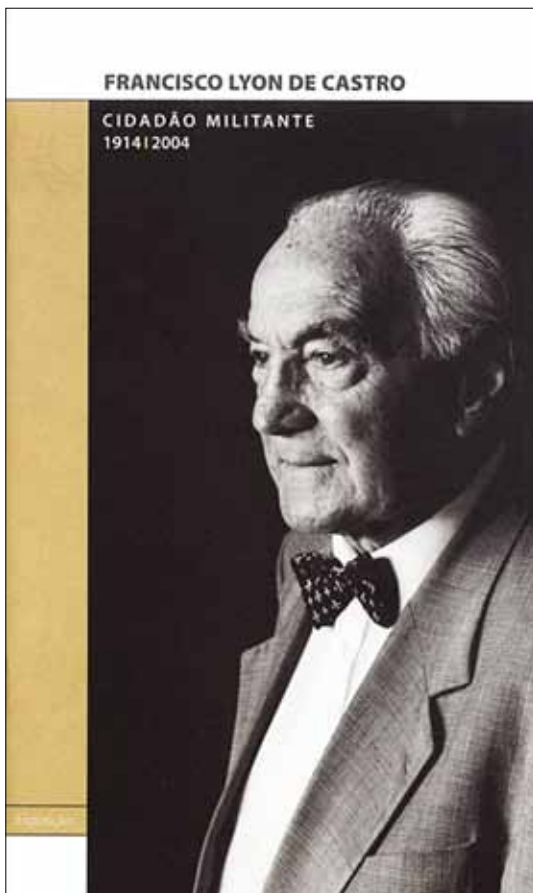
Na década de 80 do séc. XX, a família Lyon de Castro adquiriu a Editorial Inquérito e as Realizações Artis, ficando estas editoras sob a orientação de Francisco. Quinze anos mais tarde, em 1995, funda

(22) Para substituir o antigo Grémio Nacional dos Editores e Livreiros.

com o filho e netos uma nova editora, a Lyon Edições, dedicada à publicação de ensaios e romances históricos.

Comum às décadas de 70, 80, 90 e já no presente século, foi a criação de diversas livrarias espalhadas pelo país, primeiro com a marca Europa-América e depois sob a marca Livrarias Lyon, para além de uma Delegação e Livraria da Europa-América em Moçambique.

Até 2002 Lyon de Castro participou todos os anos na Feira do Livro de Frankfurt, sendo talvez o mais antigo editor



Catálogo de *Exposição de Homenagem a Lyon de Castro*, 2005

a frequentar aquele certame. A sua primeira presença nesta feira foi em 1959 onde exigiu que a Bandeira Portuguesa fosse hasteada caso contrário retirava-se e causaria um escândalo, o que acabou por se concretizar.

Em representação de Portugal Francisco Lyon de Castro integrou a Comissão Internacional da União Internacional de Editores durante vários anos, participou nos Encontros Internacionais de Genebra com diversas intervenções e publicou 12 volumes dos textos das conferências, alguns dos quais foram proibidos, como é o caso do «Diálogo ou Violência».

Lyon de Castro foi galardoado com a Medalha Machado de Assis da Academia Brasileira de Letras (1971), agraciado com a Ordem da Liberdade portuguesa (1985), com a Ordem Nacional de Mérito de França (1985) e de Cavaleiro da Ordem das Artes e das Letras francesa (2000).

A nível pessoal, Lyon de Castro nunca deixou de ter uma atitude muito crítica e frontal face à atividade partidária e ao comportamento dos dirigentes políticos ou governamentais quando entendia que os princípios, a lealdade e a integridade estavam a ser traídos ou os interesses do país estavam a ser vendidos. A sua grande amizade com Mário Soares era conhecida, embora nunca tenha aderido ao Partido Socialista, e apesar de ter grandes amigos em todos os partidos o seu coração pendia para o PS. Sempre declinou os convites para diversos cargos políticos, a não ser estar enquanto independente e durante um mandato no Município de Sintra.

O bem material mais precioso que lastimou ter perdido foi a sua boina basca, que o acompanhou durante os tempos de exílio e prisão como almofada e conforto e que acabou por perder numa viagem de autocarro para Cacilhas.

Francisco Lyon de Castro faleceu aos 89 anos, no domingo de Páscoa de 11 de abril de 2004, em Rio de Mouro, quando era o mais antigo editor do mundo em funções. Quis levar consigo a sua segunda boina basca e a bengala ferrada em que se apoiava nos seus longos passeios.

A partir da proposta da Comissão Municipal de Toponímia a Câmara Municipal de Lisboa aceitou por unanimidade a sugestão do cidadão Manuel Lopes para a consagração toponímica de Francisco Lyon de Castro na cidade de Lisboa, ficando esta figura ímpar do panorama editorial português numa recente artéria da freguesia das Avenidas Novas, próxima da Avenida das Forças Armadas.



BIBLIOGRAFIA

Documental

- Proposta de Manuel Lopes para a inclusão de Francisco Lyon de Castro na Toponímia da cidade, de 30 de outubro de 2007.
- Proposta nº842/2009, subscrita pelo Sr. Vereador Cardoso da Silva, para atribuir à Rua A projectada à Avenida das Forças Armadas o topónimo Rua Francisco Lyon de Castro, aprovada por unanimidade na sessão de Câmara de 2 de fevereiro de 2009.

Publicada

- Comissão de Homenagem a Francisco Lyon de Castro, família Lyon de Castro e Fundação Mário Soares (2005) Francisco Lyon de Castro: Cidadão Militante (1914/2004), Lisboa: Fundação Mário Soares e Europa-América, 2005.
- «Francisco Lyon de Castro (1914-2004)», acedido em maio de 2014 em http://www.fmsoares.pt/iniciativas/ilustra_iniciativas/2005/000477/
- MELO, António (2004), «A morte do velho leão», Público, 12 de abril.
- MELO, António (2004), «A “Mocidade Livre” – cadernos de cultura vanguardista», Público, 14 de Abril.
- MELO, António (2004), «O adeus de Lyon de Castro, o “pequeno grande homem” da Publicações Europa-América», Público, 14 de Abril.



FICHA TÉCNICA

Edição | Câmara Municipal de Lisboa
Presidente | Fernando Medina
Pelouro da Cultura | Catarina Vaz Pinto
Direção Municipal de Cultura | Manuel Veiga
Departamento do Património Cultural | Jorge Ramos de Carvalho

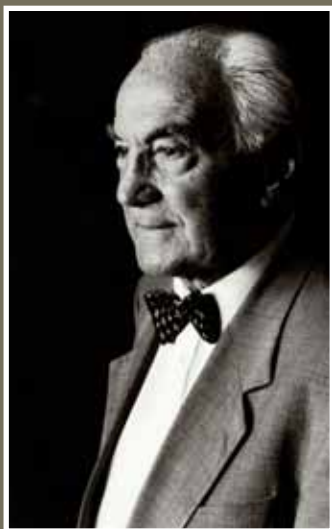
Título | Francisco Lyon de Castro
Textos | Paula Machado
Design | Ernesto Matos
Tiragem | 250
Ano | 2016
Depósito Legal | 413618/16
Execução gráfica | Imprensa Municipal de Lisboa
Agradecimentos | À família de Francisco Lyon de Castro

RUA FRANCISCO LYON DE CASTRO



Ponto inicial sul
 $38^{\circ}44'44.1''\text{N } 9^{\circ}09'12.8''\text{W}$
38.745577, -9.153547

Ponto inicial norte
 $38^{\circ}44'50.6''\text{N } 9^{\circ}09'14.0''\text{W}$
38.747387, -9.153898



COMISSÃO
MUNICIPAL
DE TOPONÍMIA